

A Reação Austríaca à Tentativa de Aproximação de Lucas a Hayek

The Austrian reaction to Lucas's attempt to recover Hayek

Thyago Américo Schio¹ 

Lucas Casonato² 

Eduardo Angeli³ 

Resumo: No final da década de 1970, Robert Lucas sugeriu que sua contribuição para a macroeconomia deveria ser vista como um desenvolvimento da contribuição de Hayek - a “tese da similitude”. Ainda na década de 1970 e especialmente na de 1980, os seguidores da tradição Austríaca argumentaram que a recuperação de Hayek feita por Lucas era equivocada. Por fim, o próprio Lucas acabou concordando que sua contribuição não era uma retomada das ideias hayekianas, e teses recentes discutem que nunca houve um real reposicionamento do autor, porque sua tentativa de aproximação inicial teria sido uma apenas manobra retórica. O presente artigo descreve a história desse debate na perspectiva da Escola Austríaca, e busca contribuir com a sistematização e explicação da defesa Austríaca por meio de suas particularidades enquanto escola de pensamento. Propõe-se que a posição dos Austríacos em rejeitar a manobra retórica de Lucas, um dos protagonistas do *mainstream*, possa ser mais bem entendida se considerada parte do movimento de seu ressurgimento e consolidação como escola de pensamento. O presente artigo, assim, ilustra um capítulo importante da história da Escola Austríaca moderna.

Palavras-chave: Escola Austríaca; F. A. Hayek; Robert Lucas.

Abstract: In the late 1970s, Robert Lucas suggested that his contribution to macroeconomics should be understood as a development of Hayek's contribution - the "thesis of similitude." Over the following years, Austrian economists argued that Lucas's appropriation of Hayek's ideas was incorrect. Eventually, Lucas himself agreed that his contribution did not represent a continuation of Hayekian ideas, and recent studies argue that there was never a genuine adoption of Hayek's ideas by Lucas, as his initial attempt at approximation would have been

¹ Economista (CORECON-PR 7.880), mestre em economia aplicada pela UFSCar e doutor em desenvolvimento econômico pelo Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: thyago@gesassociados.com.br

² Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: casonato.economia@gmail.com

³ Professor do Departamento de economia da Universidade federal do Paraná (UFPR) e dos Programas de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico da UFPR e em Economia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar – campus Sorocaba). E-mail: angeli@ufpr.br

a rhetorical maneuver. This article describes the history of this debate from the perspective of the Austrian School and seeks to contribute to the systematization and explanation of the Austrian defense of its particularities as a school of thought. It is proposed that the rejection of Lucas's 'rhetorical maneuver' by the Austrians can be seen as part of a resurgence and consolidation movement within the school of thought

Keywords: Austrian School. F. A. Hayek. Robert Lucas.

JEL Classification: B25; B41; B53.

1 INTRODUÇÃO

No final da década de 1970, Robert Lucas, então já um economista consagrado, apresentou o argumento segundo o qual sua própria contribuição, construída sobre uma plataforma de equilíbrio geral walrasiano, seria uma recuperação da contribuição de Hayek à teoria dos ciclos econômicos, que havia sido relegada a um lugar de menor importância diante da dominação do pensamento keynesiano.

Como se poderia esperar, essa tentativa de Lucas recebeu diversas críticas, tanto de autores vinculados ao austrianismo, quanto de economistas não associados a essa escola. Eventualmente, o próprio Lucas acabaria rejeitando a tese. O presente artigo pretende contribuir com a história da Escola Austríaca moderna ao estudar a reação dos Austríacos ao argumento apresentado por Lucas.

Como se sabe, a trajetória da Escola Austríaca teve um momento crítico na segunda metade do século XX, grosso modo, com o domínio do keynesianismo ortodoxo, de um lado, e com o aparente sucesso das economias socialistas de planejamento central, de outro. Do final da década de 1930 até meados dos anos 1970, a percepção difusa era de que o austrianismo havia perdido a batalha contra aqueles movimentos, tornando-se um capítulo encerrado da História do Pensamento Econômico. Os dois maiores expoentes da Escola, Mises e Hayek, a despeito de ainda desfrutarem de certo prestígio nos meios acadêmicos, estavam

afastados dos debates da então fronteira do conhecimento, tal como percebida pela maior parte da profissão.

É usual a interpretação de que o ano de 1974 marcou uma inflexão na história da Escola Austríaca. Nele, aconteceram dois eventos que marcaram o que se chama de *Austrian Revival* (BOETTKE; COYNE; NEWMAN, 2016; VAUGHN, 1994).

O primeiro evento foi a *Conferência de South Royalton* (em Vermont, EUA), que reuniu um grupo de professores já experientes (notadamente Israel Kirzner, Ludwig Lachmann e Murray Rothbard) e jovens pesquisadores (tais como Mario Rizzo, Gerald O'Driscoll e Roger Garrison, entre outros) para discutirem a tradição Austríaca e possibilidades de avanços teóricos. Textos ali debatidos foram publicados em um livro, e a Escola avançou em sua reorganização institucional nos Estados Unidos.⁴

O segundo evento foi o prêmio em memória de Alfred Nobel, que foi entregue a Hayek. A partir de então, Hayek passou a receber convites para palestrar mundo afora, além de dar conselhos a políticos e realizar intervenções no debate público. Seus trabalhos passaram a ser reavaliados, e sua obra passou a ser mais apreciada, inclusive com a publicação, inicialmente pela Editora da Universidade de Chicago, de seus *Collected Works* a partir do final dos anos 1980.

Esses dois eventos de 1974, importantes para a reorganização da Escola Austríaca, foram acompanhados por outros fatos, tais como outras conferências; o estabelecimento, em 1975, do Programa de Economia Austríaca na New York University (NYU), liderado por Israel Kirzner, realizando reuniões e seminários que vieram a congregar regularmente vários pesquisadores que haviam participado da *Conferência de South Royalton*, entre eles Lachmann (OKON, 2018); e o início da publicação regular da *Austrian Economics Newsletter* no outono de 1977.

⁴ Sobre a *Conferência de South Royalton*, inclusive sobre a lista de participantes, ver Okon (2018).

Apesar dessa espécie de ressurgimento, experimentado especialmente a partir de meados da década de 1970, o austrianismo permaneceu como uma corrente de pensamento fora do *mainstream*, sem grande penetração nos principais departamentos de Economia e sem fluxo regular de publicações nas revistas de maior prestígio da profissão.⁵ Contribuições associadas aos Austríacos, de forma geral, quando trazidas para o seio do *mainstream*, eram-no de forma considerada distorcida pela maior parte dos identificados com a Escola. Propostas explícitas de aproximação com outras escolas heterodoxas foram feitas, especialmente na década de 1980, ainda que nem sempre com boa receptividade.⁶

A própria Escola Austríaca apresentava perspectivas distintas que, dependendo da posição adotada, poderiam afastá-la ou aproximá-la do *mainstream*, como, por exemplo, no debate entre Kirzner e Lachmann a respeito da existência de tendências (des)equilibradoras no processo de mercado (BARBIERI, 2008; VAUGHN, 1994). Como explicam Boettke, Coyne e Newman (2016), esse debate aparecera já na *Conferência de South Royalton*, tendo prosseguido ao longo dos anos seguintes. Kirzner propunha que a atividade empresarial seria um elemento promotor de maior grau de compatibilização de planos, trazendo a economia a uma situação mais próxima à do equilíbrio (que nunca seria alcançado). Lachmann, apresentando contribuições dadas por Shackle, defendia, por seu turno, a posição de que as expectativas não convergiriam necessariamente, mas poderiam divergir, de modo que a atividade empresarial poderia atuar no sentido de produzir o afastamento da economia em relação ao equilíbrio.

⁵ A exceção era o programa liderado por Kirzner na NYU, de certa forma ocupando o espaço que outrora havia sido de seu orientador, Mises, nessa universidade. Como explica Vaughn (1994, cap. 3), Mises foi professor regular no Departamento de Economia na NYU de 1945 a 1949, quando não teve seu contrato renovado. De 1949 a 1969, Mises continuou lecionando na NYU, sendo sua atividade financiada pelo *Volker Fund*. Okon (2018), porém, argumenta que o caráter dos “novos” seminários na NYU era fundamentalmente diferente daqueles de Mises no sentido de que, com Mises havia uma postura de reverência por parte dos participantes, ao passo que, na nova versão, o objetivo era discutir criticamente a teoria econômica Austríaca com vistas a aprimorá-la.

⁶ Ver, por exemplo, a resposta de Davidson (1989) ao argumento de O'Driscoll e Rizzo (1996), publicado originalmente em 1985, de que existiriam pontos em comum entre Austríacos e Pós-Keynesianos.

Esse debate a respeito do predomínio de tendências equilibradoras ou desequilibradoras do processo de mercado foi relevante dentro da comunidade de economistas Austríacos ao longo dos anos seguintes à *Conferência de South Royalton*, em particular entre aqueles que estavam ao redor do programa liderado por Kirzner na NYU, do qual também participava Lachmann.⁷ Em tal contexto é que O'Driscoll e Rizzo (1996) publicaram, em 1985, o livro *The Economics of Time and Ignorance*, com a colaboração de Garrison (que escreveu um dos capítulos).⁸ Nesse livro, O'Driscoll e Rizzo (1996) optam por avançar a agenda de pesquisa Austríaca sob o ponto de vista mais próximo a Lachmann.⁹ Ou seja, O'Driscoll e Rizzo (1996) contribuem para que o austrianismo caminhe para uma visão mais radical sobre o papel do subjetivismo e das tendências desequilibradoras do processo de mercado.

Ao comentar o contexto da publicação do livro de O'Driscoll e Rizzo (1996), Boehm (2012) mostra que o período entre a década de 1970 e o começo da de 1980 foi caracterizado como de crise da teoria econômica. Nesse contexto, diferentes correntes alternativas à então ortodoxia dominante emergiram. É em tal cenário que o *Austrian Revival* deve ser compreendido.¹⁰

Para atingir o objetivo de mostrar qual foi a reação Austríaca à tentativa de aproximação de Lucas a Hayek, este artigo está dividido em três seções, além desta introdução. A seção seguinte aborda brevemente a história da tentativa de Lucas em aproximar suas contribuições às de Hayek, seguida de reações (não-

⁷ A leitura de alguns números da *Austrian Economics Newsletter* entre o final da década de 1970 e início de 1980 indica que esse tema estava como pano de fundo de várias das discussões e seminários que ocorriam na NYU.

⁸ Sobre o papel desse livro na história recente da Escola Austríaca, ver Boehm (2012) e Endres (2012). Barbieri chega a afirmar que esta é a “obra austríaca mais significativa na década de oitenta” (BARBIERI, 2008, p. 228).

⁹ Ainda que, conforme Barbieri (2008), o livro possa ser interpretado como uma espécie de “meio do caminho” entre as perspectivas kirzneriana e lachmanniana.

¹⁰ Tolipan, ao mencionar a crise da teoria econômica e relacioná-la particularmente à obra de Sraffa, afirma que “[a] liquidação de um paradigma transforma a ciência em arena de disputa por hegemonia teórica. Por conseguinte, tornam-se, de direito, proposições de paradigma todas aquelas correntes antes neutralizadas como artefatos teóricos especiais (Walras, por exemplo) ou relegadas ao que Keynes chamou de submundo da teoria econômica (Marx, por exemplo), bem como novas proposições originadas na própria crítica ao paradigma anterior (Sraffa, por exemplo)” (TOLIPAN, 1990, p. 22).

Austríacas) a esse movimento, bem como sua rejeição final por parte do próprio Lucas. Na terceira seção, são mostrados os argumentos Austríacos contrários a essa abordagem. A quarta e última seção apresenta as considerações finais do trabalho.

2 ORIGEM, CONSOLIDAÇÃO E ABANDONO DA “TESE DA SIMILITUDE”

Lucas (1977), na época um autor já consagrado e expoente do *mainstream*, sustenta que a vertente monetária da teoria dos ciclos econômicos novo-clássica é algo que Hayek (1931; 1933) poderia ter desenvolvido se este autor tivesse tido contato com as ferramentas modernas da economia matemática. Desse modo, Lucas acaba por alegar ter avançado o programa de pesquisa do qual Hayek fora o protagonista. Ainda no trabalho de 1977, Lucas, na tentativa de resgatar a contribuição de Hayek (1931), busca citá-lo diretamente, identificando duas teses na obra deste que permitiram considerá-lo um precursor dos seus trabalhos: (i) a defesa do equilíbrio na teoria econômica; e (ii) a ênfase nos microfundamentos como forma de oposição aos agregados.

Nesse período, Laidler (1982) sugeriu que a macroeconomia novo-clássica seria de fato uma reminiscência da teoria Austríaca dos ciclos econômicos, e que isso não teria sido accidental. O autor confirma que foram os Austríacos os predecessores de Lucas em diversos pontos. Por exemplo, Hayek (1933) tanto critica os agregados macroeconômicos como sustenta que a incorporação dos ciclos em um sistema de equilíbrio econômico consiste em um problema central da macroeconomia teórica. Outro ponto é a defesa feita por Hayek de que os distúrbios monetários são a causa dos ciclos. Tais questões constituiriam elementos centrais também na teoria de Lucas. Vale ressaltar que esses elementos foram utilizados por Lucas não só para o desenvolvimento da teoria dos ciclos econômicos, mas também para criticar a então dominante teoria keynesiana, como discutido em sua entrevista a Klammer em 1984 (KLAMMER, 1988).

O debate acerca da teoria dos ciclos econômicos é o ponto para o qual convergem as discussões. Como afirma o próprio Lucas:

Entre os teóricos dos ciclos econômicos do entre guerras, havia um amplo consenso sobre o que significaria resolver esse problema. Para citar Hayek (1933), como um exemplo importante: a incorporação de fenômenos cíclicos ao sistema da teoria do equilíbrio econômico, com o qual eles estão em aparente contradição, continua sendo o problema crucial da teoria dos ciclos econômicos; por "teoria do equilíbrio", aqui entendemos principalmente a teoria moderna da interdependência geral de todas as quantidades econômicas, que foi mais perfeitamente expressa pela Escola de Economia Teórica de Lausanne. (LUCAS, 1977, p. 7, tradução nossa).

Nesse caso, Lucas estava descrevendo a história da teoria dos ciclos econômicos, evidenciando que, antes da teoria geral de Keynes e da revolução keynesiana, existia uma gama de teorias chamadas de teorias dos ciclos, sendo Hayek um dos seus expoentes. Com o advento da revolução keynesiana, esse problema teria sido abandonado, com o foco voltando-se à determinação do nível de produto ao longo do tempo.

Em síntese, percebe-se que Lucas (1977) tentou se associar explicitamente à tradição Austríaca e às ideias de Hayek, afirmando que seu trabalho constituía um avanço desse programa de pesquisa, por ter completado a problemática iniciada e protagonizada por Hayek, com a explicação do ciclo econômico por meio de uma análise do equilíbrio dotada de microfundamentação, e recorrendo ao argumento de recuperação da tradição anteriormente existente, abandonada com o avanço do keynesianismo.

Soromenho (1998) explica da seguinte maneira a visão de Rosner, um adepto da tese da similitude:

Existem, na obra de Hayek, duas teses cruciais para o debate. A primeira, apresentada nos primeiros textos sobre o ciclo, é a defesa da necessidade da análise de equilíbrio e de fundamentos microeconômicos. A segunda, presente nos trabalhos posteriores a 1937, é a concepção do agir econômico como um processar de informações, e consequentemente, o destaque atribuído às expectativas dos agentes. Hayek não teria conseguido conciliar essas duas ideias em sua análise dos ciclos, embora uma leitura cuidadosa de seus textos revelasse que ele sentia a necessidade de fazê-lo. A incapacidade do autor em apresentar uma nova

versão da teoria dos ciclos que eliminasse essa inconsistência seria devida à indisponibilidade, na época, dos instrumentos necessários para conciliar a análise de equilíbrio com um tratamento rigoroso das questões informacionais. Ora, esse objetivo teria sido alcançado por Lucas nos anos 70. A teoria novo clássica, estaria, então, de acordo com as duas principais ideias de Hayek e teria logrado êxito onde o austríaco fracassara. (SOROMENHO, 1998, p. 45-46).

Como mostra Soromenho (1998), as referências a Hayek feitas por Lucas são anteriores ao artigo clássico de 1937, em que Hayek explicitou sua crítica à maneira pela qual os economistas se utilizavam do conceito de equilíbrio. Na literatura sobre Hayek, 1937 costuma ser visto como um momento crítico na trajetória do Austríaco, ao ponto de alguns falarem de uma “Transformação de Hayek”. Essa transformação:

Refere-se ao seu afastamento do estudo da economia técnica. Aconteceu quando Hayek percebeu a magnitude das limitações que confrontam a principal ferramenta de análise econômica, o construto de equilíbrio. Embora ele estivesse há muito ciente de certas deficiências na análise de equilíbrio, a incapacidade desta de lançar qualquer luz sobre o problema de coordenação foi decisiva. (CALDWELL, 1988, p. 515, tradução nossa).

A discussão sobre a compatibilidade ou não entre o Hayek de antes e depois do artigo de 1937 é longa, e não pode ser dito que a literatura tenha chegado a um consenso sobre a melhor forma de se propor uma espécie de periodização da obra do Austríaco.¹¹ Mas chama a atenção, conforme destaca Soromenho (1998), o fato de Lucas ter tido o cuidado de recuperar a contribuição de Hayek pré-1937.

Conquanto Lucas (1977) tenha considerado que essa análise do equilíbrio como o principal ponto de concordância com as ideias Austríacas, também havia outros elementos de correspondência entre eles. Os pontos de semelhança e de divergência entre essas duas abordagens são apresentados conjuntamente na apresentação dos argumentos contrários à aproximação das duas abordagens na próxima subseção.

¹¹ Ver, por exemplo, além do artigo de Caldwell (1988), Boettke (1990), Fleetwood (1995) e Soromenho (1994).

A tentativa de Lucas de se associar às ideias de Hayek suscitou certa controvérsia na literatura. Para Soromenho (1998), trata-se de uma reação natural surgida em face da manobra adotada por Lucas.

Ainda que essa aproximação das abordagens fosse inicialmente aclamada por vários economistas, essa não foi a mesma reação que se verificou, em particular entre os próprios economistas Austríacos. Pelo contrário, houve uma forte rejeição por parte destes acerca da similaridade proposta entre sua abordagem e aquela apresentada por Lucas já a partir dos anos 1980, com a publicação de vários trabalhos que buscaram demarcar essas diferenças.¹²

Talvez a crítica mais importante à tese da convergência entre as abordagens tenha sido proporcionada por Hoover (1988), visto ter sido citado pelo próprio Lucas como responsável por modificar sua própria percepção quanto às ideias Austríacas. Após uma extensa análise da possibilidade de Lucas ter restaurado a proposta de Hayek, Hoover (1988) até chega a observar certas semelhanças pontuais, mas explicita alguns pontos que impossibilitam comparar as duas teorias, razão pela qual defende ser equivocada a tese de semelhança entre elas. Especificamente, o autor baseia sua posição na análise de dois elementos que seriam essencialmente distintos entre Hayek e Lucas: (i) a incompatibilidade da teoria Austríaca com os pressupostos de expectativas racionais e de mercado perfeito em equilíbrio; e (ii) a distinção no nível de profundidade da análise entre as duas abordagens, já que na versão Austríaca impera um alto grau de detalhamento, contrastando com os modelos novos-clássicos que admitem elevado grau de generalização.

Quanto ao primeiro ponto, Hoover (1988) afirma que não seria cabível à tradição Austríaca absorver a ideia de expectativas racionais porque em sua abordagem é impossível analisar as respostas das pessoas às condições existentes no mercado sem considerar os objetivos e crenças que possuem acerca das condições futuras que ali prevalecerão. Nesse sentido, a ideia de racionalidade é imprescindível do conceito de ação na teoria Austríaca, tal que nessa análise não

¹² Soromenho (1998, p. 38) apresenta uma lista de referências de textos a respeito da tentativa de Lucas, classificando esses textos em críticos, intermediários e de defesa da tese da similitude.

se busca contrastar o comportamento racional com o comportamento irracional, mas sim com o comportamento reativo. Sendo toda ação racional propositada, ela é, por definição, não reativa. É isso que a teoria Austríaca adota das expectativas, ou seja, a forma de agir propositadamente mediante as antecipações realizadas pelo indivíduo.

Quanto ao segundo ponto, sobre o grau de detalhamento dos modelos nas duas abordagens, Hoover (1988) coloca que os novos-clássicos, *à la* Lucas, assumem a existência de um agente representativo, e esse suposto é que permite as exatas especificações de uma função utilidade e uma restrição orçamentária que condicionam as soluções do sistema de equações macroeconômicas. Já no entendimento Austríaco, os modelos tratariam cada agente como único, não havendo possibilidade de uma metodologia agregativa a ser manipulada para o fornecimento de uma resposta quantitativa dos problemas econômicos. Esse fato deriva do pensamento Austríaco de que não é possível, por princípio, desenvolver modelos exatos para uma economia complexa, composta por agentes racionais e naturalmente heterogêneos.

Assim, o agente representativo utilizado por Lucas como forma de microfundamentar os modelos macroeconômicos, justamente na busca por atender ao critério hayekiano de se levar em conta o comportamento dos agentes na análise econômica, acaba se tornando, para Hoover (1988), motivo de separação entre as duas abordagens, dada a impossibilidade de subjetivização desse agente representativo, incapaz de ter seu conhecimento individualizado no tratamento de fenômenos econômicos complexos.

Embora seja acessório à sua análise, Hoover (1988) ainda sustenta um terceiro ponto que incompatibilizaria as duas abordagens, qual seja, o fato de os modelos novos-clássicos assumirem a homogeneidade do capital, muito diferente da vertente Austríaca, que lhe dá tratamento essencialmente heterogêneo, inclusive pautando muito de sua contribuição teórica na existência de diferentes tipos de capital.

Embora tenha proposto a semelhança entre sua abordagem e a de Hayek em 1977, o próprio Lucas acabou por se convencer de que tal crença era

infundada após o trabalho de Hoover (1988), como afirmou, em 1994, em uma entrevista a Snowdon e Vane (2005). Após constatado o equívoco interpretativo, quando indagado na entrevista a respeito da influência que Hayek e a Escola Austríaca exerceram sobre seu trabalho, Lucas respondeu: “Certa vez, pensei em mim mesmo como uma espécie de Austríaco, mas o livro de Kevin Hoover me convenceu de que isso era apenas o resultado de minha interpretação errada de Hayek e outros” (SNOWDON; VANE, 2005, p. 274, tradução nossa).

Deve ser ressaltado que não há elementos que permitam apontar a relevância das críticas promovidas pelos autores Austríacos para a mudança de pensamento de Lucas, na medida em que elas não são citadas pelo autor quando das suas manifestações sobre a mudança de opinião. Outra complicação é o fato de o próprio Lucas ter demorado a tomar posicionamento acerca da crítica dos economistas Austríacos, já que viria a manifestar-se apenas em 1994.¹³

Como consequência da indiferença mostrada por Lucas após as críticas recebidas à sua tentativa de aproximação, alguns autores, como Soromenho (1998), alegam que a tese da similitude consistiu em um artifício retórico, em que o autor buscava legitimar seu trabalho por meio da reinvenção de uma tradição anterior à prevalecente. Andrada (2016) também adota esse entendimento:

A tese da ancestralidade é certamente um expediente do tipo reinvenção da tradição (Arida, 1984). Lucas que se apresenta como o continuador de uma tradição injustamente esquecida e sua metodologia de microfundamentação da Macroeconomia como a conclusão de um trabalho iniciado pelos autores “clássicos”. (ANDRADA, 2016, p. 140).

Ao se averiguar as influências acadêmicas nos trabalhos escritos por Lucas entre 1967 e 1981, Andrada (2017) argumenta que a tese da similitude foi um artifício retórico. O autor catalogou todos os artigos de Lucas nesse período, reunindo 27 trabalhos, e analisou suas referências bibliográficas. Como resultado, constatou que as principais influências de Lucas, a partir do que foi

¹³ Uma interpretação possível é que a resposta crítica dos Austríacos tenha se tornado a opinião predominante no debate, pelo fato de poucos trabalhos posteriores a eles manterem posicionamento favoráveis à “tese da similitude”

referenciado, foram John Muth, Milton Friedman e Edmund Phelps, respectivamente.

Andrada (2017) explica o grau de influência desses diferentes autores referenciados por Lucas de acordo com sua agenda de pesquisa, visto que os que aparecem mais vezes são autores que contribuíram significativamente com a hipótese das expectativas racionais e com críticas à curva de Phillips, ambos elementos centrais no programa de pesquisa empreendido por Lucas. O autor mostra que Hayek não figurou sequer entre as 16 maiores influências de Lucas, o que sugere que Lucas teria empenhado uma manobra retórica em sua tentativa de aproximação com os Austríacos, já que as ideias de Hayek teriam contribuído, na melhor das hipóteses, marginalmente em seus trabalhos.

Uma evidência mais sutil nesse sentido pode ser apontada pela falta de referência a Hayek por Lucas já em 1984, ao tratar da origem de suas ideias em entrevista concedida a Klamer. Nessa oportunidade, o autor cita o trabalho de Hayek apenas uma vez.¹⁴

Mais recentemente, o próprio Lucas ressaltou em 2016, em troca de e-mails realizada com um dos autores deste artigo, que sua visão acerca da proximidade com Hayek derivou de uma má leitura realizada:

Veja a primeira página do meu artigo “Compreendendo os ciclos de negócios”. Há ali duas citações de Hayek que achei que se aproximavam da minha maneira de pensar. Mas se você olhar o livro de Hayek do qual citei, essas citações estão em notas de rodapé. Eu deveria ter percebido que um bom escritor como Hayek não coloca ideias importantes em notas de rodapé. Existem muitas outras passagens que deixam claro que Hayek e eu estávamos distantes em muitos assuntos. (LUCAS, 2016, não paginado, tradução nossa).¹⁵

¹⁴ Lucas afirma que “[a]s coisas que faço representam uma volta a um programa tradicional de pesquisa, um programa de pesquisa pré-keynesiano, com a diferença de que eu, e pessoas como Sargent, não somos hostis a métodos matemáticos. Nós os amamos [risos]. As ideias de Hayek ou Mitchell - vale a pena desenvolvê-las - mas seus métodos não o são.” (KLAMER, 1988, p. 57-58).

¹⁵ No original: “Look at the first page of my paper “Understanding Business Cycles.” There are two quotes from Hayek there that I thought were close to my way of thinking. But if you look at the Hayek book from which I quoted these quotes are in footnotes. I should have realized that a good writer like Hayek does not put important ideas in footnotes. There are many other passages that make it clear that Hayek and I were far apart on many issues.” (LUCAS, 2016, não paginado).

3 O LADO AUSTRIACO DO DEBATE

Como apontado anteriormente, a tentativa de aproximação com os Austríacos por parte de Lucas não foi isenta de reações dos economistas da época. As críticas partiram principalmente de autores seguidores da própria tradição Austríaca, que não viram bem representadas as ideias de Hayek na formulação teórica proposta por Lucas. Esta seção busca sistematizar, cronologicamente, o lado Austríaco desse debate, apresentando e explicando a argumentação utilizada pelos autores dessa tradição em sua negação da “tese da similitude”. A seção seguinte apresenta as considerações finais do artigo, em que é proposta uma síntese dessas reações Austríacas.

3.1 O’Driscoll (1979a)

Ainda em 1979, O’Driscoll (1979a) publica um artigo em que procura avaliar a suposta recuperação de Hayek por parte de Lucas, conforme defendido por este.¹⁶ Afirma que Lucas segue a perspectiva de Hayek em dois pontos: (i) por propor uma nova abordagem em macroeconomia, evitando os erros de hipóteses, análise e conclusões da então teoria tradicional ao buscar dar tratamento microeconômico para problemas monetários; e (ii) por entender que quando as expectativas são consideradas racionais em um sentido mais amplo, no lugar de simplesmente aceitar que os agentes fazem o melhor uso da informação disponível.¹⁷ Apesar dessas semelhanças, O’Driscoll (1979a) argumenta que

¹⁶ Em outro texto de 1979, O’Driscoll (1979a) apresenta fundamentalmente os mesmos argumentos aqui expostos, mas de forma bastante sintética.

¹⁷ “Estritamente interpretada, a racionalidade implica no conhecimento dos operadores sobre a estrutura da economia. Da mesma forma, interpretada estritamente (*à la* Sargent e Wallace), a racionalidade implica que os não formuladores de políticas possuem tanta informação sobre a probabilidade de uma determinada política ser implementada quanto os próprios formuladores de políticas [...]. Se [...] a racionalidade é interpretada de forma tão estrita, então a racionalidade esperada está ausente das teorias do ciclo de negócios como a de Hayek [...]. Se, por outro lado, a racionalidade das expectativas é tomada de forma mais livre para significar que os *transctors* fazem o melhor uso das informações disponíveis, então os *transctors* de Hayek têm expectativas racionais.” (O’DRISCOLL, 1979a, p. 167, tradução nossa).

existem diferenças relevantes entre aqueles autores, distinções estas que tornam difícil enquadrar Lucas como uma espécie de hayekiano.

Em primeiro lugar, O'Driscoll (1979a) observa que as teorias que se utilizam da hipótese das expectativas racionais não apresentam uma explicação de como se dá o aprendizado dos agentes e a difusão da informação. Assumir que, em equilíbrio, o conhecimento seja completo não traz consigo uma explicação de como esse conhecimento foi adquirido.

Tal opção metodológica dos novos-clássicos é contrastada por O'Driscoll à proposta de Hayek (1937) de que existe uma divisão do conhecimento na sociedade, ou seja, o conhecimento é difuso, e cada indivíduo possui não mais do que uma parcela do conhecimento total existente na sociedade. A partir disso, assume-se, na perspectiva hayekiana, que os preços exercem um papel fundamental na coordenação de ações e permitem uma tendência ao equilíbrio, na medida em que são portadores de boa parte das informações necessárias à revisão de planos por parte dos agentes. Dessa maneira, a proposta de Hayek é justamente adotar a hipótese de que os agentes não possuem informação homogênea e que tampouco seu conhecimento inclua o correto funcionamento do sistema econômico. O papel dos preços é abrir a possibilidade de uma tendência à compatibilização de planos mesmo que os agentes não saibam o que está por trás da formação dos preços. Isso, na visão de O'Driscoll (1979a), seria motivo para opor as opções teórico-metodológicas de Lucas e Hayek.

Em segundo lugar, O'Driscoll (1979a) mostra que, na explicação de Hayek para o ciclo econômico, o austríaco admite que os agentes possuem ignorância a respeito do funcionamento dos mercados. Na teoria monetária e do ciclo de Hayek, a ênfase recai sobre o papel que alterações nos preços relativos exercem sobre os diferentes estágios de produção (em uma economia com capital heterogêneo) em resposta a perturbações monetárias (ao contrário da tradição da teoria quantitativa da moeda) e sobre a moeda como elemento interposto entre oferta e demanda, em vez de supor uma economia de escambo. Dessa maneira, o conhecimento imperfeito produz resultados reais e distorções na alocação de recursos, inclusive intertemporalmente. Tais desequilíbrios, na visão hayekiana,

seriam o canal por meio do qual as perturbações monetárias seriam refletidas em perturbações reais. A “falsificação” dos sinais fundamentais da economia que guiam a construção dos planos individuais, a saber, preços relativos e taxa de juros, conduziria à amplificação das distorções provocadas por choques exógenos, na medida em que não transmite adequadamente as informações necessárias à compatibilização dos planos.

Lucas, contudo, opta pela saída (recebida de Phelps) de colocar um obstáculo à livre circulação da informação (em vez de admitir que essa é uma característica do funcionamento da economia, como Hayek), ao fazer a suposição (*ad hoc*, segundo O’Driscoll) de que os agentes estejam “ilhados”, de modo que tal isolamento produz uma ignorância a respeito das alterações nos preços (se ocorrem nos preços absolutos ou nos relativos) a partir de um choque monetário inesperado. Com o tempo, os mercados amorteceriam os erros e distorções produzidos – em vez do que é proposto na explicação hayekiana, de que distorções monetárias são convertidas, via mudanças na estrutura intertemporal de produção, em distorções reais.

Nas palavras de O’Driscoll:

Ao contrário dos modernos teóricos de RE [expectativas racionais], ele [Hayek] via os distúrbios monetários como causadores de mudanças nas funções de oferta e demanda e, portanto, nos preços relativos, consumo, investimento e assim por diante [...]. A questão crucial gira em torno da fonte de erros em episódios cíclicos. Na análise de Hayek, alocações erradas e erros ocorrem à medida que os atores econômicos respondem a sinais de preço genuínos. Não é necessário que eles confundam mudanças gerais com preços relativos, como é geralmente o caso em modelos RE. (O’DRISCOLL, 1979a, p. 166, tradução nossa).¹⁸

¹⁸ Em seu livro publicado originalmente em 1985 em parceria com Mario Rizzo (O’DRISCOLL; RIZZO, 1996, p. 199), O’Driscoll menciona uma vez a busca de Lucas por se aproximar de Hayek, para argumentar que as propostas dos dois autores são fundamentalmente diferentes na medida em que, para Hayek, o ciclo é um fenômeno de desequilíbrio, ao contrário de Lucas, que vê o ciclo como um fenômeno de equilíbrio. Nesse mesmo livro, adiante, O’Driscoll e Rizzo (1996, p. 213-226) oferecem uma análise Austríaca da macroeconomia das expectativas racionais que, no entanto, não é aqui estudada por não se referir especificamente à contribuição hayekiana e ao argumento de Lucas que motivam o presente trabalho.

3.2 Butos (1985)

Butos (1985) aponta que a tentativa de Lucas de aproximação a Hayek deriva da semelhança entre a hipótese das expectativas racionais e a teoria austríaca das expectativas, bem como do fato de a teoria dos ciclos desenvolvida por Hayek e Mises ser a precursora da teoria dos ciclos econômicos que ele buscava fortalecer.

A argumentação de Butos (1985) segue daí para a crítica à tese da similitude. Em síntese, ele atenta para a superficialidade de tais semelhanças. Um primeiro ponto apresentado pelo autor é o afastamento de Hayek da análise de equilíbrio geral após 1937, e que isso impossibilitaria conciliar a obra dos dois pensadores. Principalmente porque, após essa inflexão no pensamento hayekiano, abriu-se para Hayek uma nova agenda de pesquisa, norteadas por outras questões que não eram meramente econômicas, enquanto o desenvolvimento de Lucas se pautava exclusivamente na parte econômica.¹⁹

Butos (1985) também especula sobre a possibilidade de uma leitura aparentemente equivocada de Lucas sobre as ideias hayekianas, argumentando pela possibilidade de que tanto Lucas (1977) quanto Laidler (1981; 1982) tenham erroneamente dicotomizado o trabalho de Hayek em duas categorias, “técnica-econômica” e “outras áreas”, com a teoria dos ciclos econômicos se encaixando na primeira, e todos os demais trabalhos na segunda. Esse fato representaria uma falha na percepção de que as “outras áreas” contemplam importantes elementos da teoria hayekiana, inclusive a respeito da teoria dos ciclos, que não poderia ser entendida em separado aos trabalhos posteriores aos de 1931 e 1933.

Outro ponto adotado por Butos (1985) coloca a diferença substancial entre Hayek e Lucas. Para o último, a situação do equilíbrio é vista como fundamental na análise econômica, enquanto para o primeiro, ao contrário, são claras as limitações da análise de equilíbrio. Ademais, o próprio conceito de equilíbrio acaba por ser diferente entre ambos os economistas, fato que também impossibilitaria compatibilizar o trabalho do austríaco com o do norte-americano.

¹⁹ Ver Caldwell (2004, apêndices B e C).

3.3 Garrison (1985; 1986a; 1986b; 1989; 1991)

Outra resposta no lado Austríaco do debate foi dada por Garrison (1985; 1986a; 1986b; 1989; 1991), o que apareceu em pelo menos cinco trabalhos, cuja preocupação geral centrou-se nos distintos conceitos utilizados entre as abordagens de Lucas e a Austríaca, bem como nos diferentes usos do conceito de expectativas. É interessante observar que os primeiros desses artigos de Garrison (1985; 1986a) não chegam a citar a “tese da similitude” ou os trabalhos dos autores envolvidos no debate sobre ela a fim de participar dessa discussão, embora também promovam a diferenciação entre Lucas e a Escola Austríaca, com Hayek em particular.

Em um pequeno artigo publicado na *Austrian Economics Newsletter*, Garrison (1985) argumenta que os novos-clássicos se afastam de Hayek (e de Mises) na medida em que os austríacos interpretavam o sistema de preços como uma espécie de “sistema de comunicação” por meio do qual os agentes receberiam a informação necessária à ação mesmo que não possuíssem qualquer conhecimento teórico sobre o funcionamento do mercado. Ademais, no entendimento desses autores, alterações no sistema monetário poderiam causar distúrbios no sistema de preços, que passaria a transmitir sinais errados, levando os agentes a tomarem decisões equivocadas que provocariam descoordenação e má alocação de recursos.

De acordo com Garrison (1985), isso iria contra os novos-clássicos na medida em que, seguindo a interpretação dessa vertente do pensamento macroeconômico, os agentes racionais atuariam como se conhecessem o funcionamento da economia de maneira a antecipar os efeitos que uma alteração da política econômica produziria sobre a economia. Assim, a racionalidade dos novos-clássicos, segundo Garrison (1985), implica um conhecimento acerca dos gostos e preferências dos consumidores independente da informação transmitida pelo sistema de preços, o que garante que, ainda que os preços estejam falsificados, possam ser separadas alterações reais de alterações nominais no caso de correta antecipação da mudança da política monetária. Com isso, a

racionalidade novo-clássica implica na possibilidade de abolição do ciclo econômico que tenha origem nas alterações monetárias e na racionalidade da alocação de recursos. Garrison conclui afirmando que “[...] embora os economistas austríacos hoje possam aplaudir o contínuo recuo do keynesianismo, eles têm pouco a aprender com as ‘expectativas racionais’ do novo-classicismo.” (GARRISON, 1985, p. 6, tradução nossa).

Garrison (1986a) destaca os diferentes papéis que as expectativas possuem para Lucas e para os Austríacos, em um trabalho que busca mostrar como a relação entre eles pode ajudar a tese Austríaca sobre a existência de uma tendência ao equilíbrio, mesmo a partir de uma perspectiva subjetivista. O autor coloca que a então recente adoção do tempo nos modelos econômicos implicou um importante avanço na teoria econômica, mas que existia uma divergência de opinião sobre os resultados teóricos de seus efeitos, e propõe dividir essa discordância em três correntes: (i) a de Lachmann, que advoga pela inexistência de qualquer estado de equilíbrio; (ii) a de Lucas, que defende a existência de um equilíbrio concreto; (iii) a de Mises e Hayek, cuja argumentação aponta a existência de uma tendência ao equilíbrio. De acordo com Garrison (1986a), as vertentes (i) e (ii) seriam irreconciliáveis, mas existiriam diversas alternativas intermediárias entre esses dois extremos, da qual a proposta de tendência ao equilíbrio, pautada na tradição Austríaca, seria a mais adequada – uma espécie de “caminho do meio” entre os dois polos antes citados.

De início, Garrison (1986a) busca afastar Lucas das teses Austríacas, apesar de admitir que ele tenha alguma semelhança com outras ideias hayekianas: “[...] mesmo Lucas, que está muito distante dos teóricos austríacos sobre o assunto em questão, compartilha muito terreno comum com Hayek em outros aspectos fundamentais.” (GARRISON, 1986a, p. 90, tradução nossa), porque o próprio conceito de racionalidade diverge em significado entre Lucas e os Austríacos na medida em que o “[...] termo ‘racionalidade’, como usado por Muth e Lucas, não deve ser equiparado à racionalidade em seu significado comum “[...] Nem corresponde ao significado austríaco de comportamento intencional.” (GARRISON, 1986a, p. 93, tradução nossa).

A diferença fundamental entre Lucas e os Austríacos residiria no resultado da mudança nas expectativas dos agentes. Enquanto a versão novo-clássica trata objetivamente a relação entre variações econômicas e o estado expectacional, permitindo a previsão de como essas expectativas mudam no tempo, o modelo pautado na obra de Mises não permite identificar como os agentes irão reagir às modificações no ambiente econômico, dado o caráter subjetivo dos agentes e das informações, tornando incerto o efeito sobre as expectativas de cada um dos indivíduos (GARRISON, 1986a). Essa diferença faz com que o modelo novo-clássico acredite ser capaz de definir o estado de equilíbrio, já que se credita a capacidade de prever com precisão o comportamento dos agentes, ao passo que, na abordagem Austríaca, a mudança das expectativas só faz com que os indivíduos venham refazer seus planos, de modo a continuar na busca por sua satisfação, tendendo para um equilíbrio – que é desconhecido e inalcançável.

Em trabalho posterior, Garrison (1989) faz várias comparações entre as definições Austríacas e novo-clássicas para diversos conceitos, como conhecimento, expectativa e equilíbrio. Logo no início, o trabalho define o ponto de vista Austríaco sobre os ciclos econômicos, analisando o grau de profundidade das depressões e os ajustes necessários para sua superação, para contrastar essa visão com a interpretação da “macroeconomia moderna” da época, a de que um ciclo previsto é um ciclo passível de ser evitado, em que reside a necessidade da racionalidade nas expectativas dos agentes *à la* Lucas. Segue-se uma discussão sobre a persistência dos efeitos adversos nas expansões monetárias mesmo sob a racionalidade estrita em suas expectativas, mas sem necessariamente relacionar essa expectativa à da teoria Austríaca, apenas discutindo possibilidades inerentes ao próprio modelo novo-clássico.

Mais importante, porém, é a retomada da discussão sobre os efeitos da expansão monetária à luz da teoria Austríaca do capital. Garrison (1989) defende que a Escola Austríaca é a única corrente que havia teorizado sobre a relação entre a estrutura/mercado de capital e os ciclos econômicos, pautando-se nas contribuições e desenvolvimentos de Menger, Böhm-Bawerk e Mises. Usando essa abordagem, o autor mostra como a nova quantidade de moeda afeta de maneira

diferenciada os agentes econômicos, ao atingir primeiro a taxa de juros, “[...] o preço que equilibra o mercado de crédito e governa a alocação de capital.” (GARRISON, 1989, p. 11, tradução nossa).

Nesse trabalho, Garrison (1989) retoma a distinção entre dois tipos de conhecimento considerada por Hayek:

Os participantes do mercado possuem conhecimento empresarial suficiente para fazer a economia funcionar, mas possuem pouco ou nenhum conhecimento teórico. [...] Em ambas [formulações Austríaca e novo-clássica], a distinção entre dois tipos de conhecimento permite a derivação de resultados que se conformam em algum grau com as observações do mundo real. Mas, para os Austríacos, a distinção não é apenas um dispositivo de modelagem abstrata; é o reconhecimento de uma das características mais fundamentais das economias de mercado do mundo real. (GARRISON, 1989, p. 20, tradução nossa).

Outro ponto interessante desse trabalho é que Garrison (1989) lembra que os novos-clássicos buscam afirmar alguma relação de proximidade com a teoria Austríaca, mas rejeitam radicalmente a teoria Austríaca dos ciclos econômicos por motivos empíricos, por não acreditarem que grandes variações nas taxas de investimento possam decorrer de pequenas variações nas taxas de juros. Porém, o autor elenca três motivos que contornariam essa crítica: (i) a teoria Austríaca não depende de um padrão cíclico de variações nas taxas de juros; (ii) o efeito de uma taxa de juros reduzida artificialmente não precisa ser necessariamente a redução de investimento, podendo ser a realização de maus investimentos; e (iii) os efeitos da taxa de juros têm implicações intertemporais na economia.

Por fim, o último trabalho encontrado de Garrison sobre o debate é publicado logo no início da década de 1990, e tem uma proposta mais ativa na discussão da “tese de similitude”, porque “[a]s similaridades formais entre a EBCT [teoria do ciclo de negócios de equilíbrio] e a ABCT [teoria Austríaca de ciclo de negócios] convida a uma comparação ponto a ponto [...]” (GARRISON, 1991, p. 91, tradução nossa), cuja semelhança é tão grande que “[é] possível descrever um ciclo de negócios em termos tão gerais que a descrição é consistente tanto com a EBCT quanto com a ABCT, embora distintas, digamos, das teorias Keynesiana e Marxiana” (GARRISON, 1991, p. 92, tradução nossa), mesmo

considerando que na teoria dos ciclos com equilíbrio o principal preço é o da produção, enquanto que a tese Austríaca do ciclo focaliza o preço do crédito (taxa de juros).

Assim, apesar do alto grau de similaridade, que poderia até fazer com que as teorias novo-clássica e Austríaca fossem complementares, ainda reside como diferença entre elas o tratamento distinto acerca do equilíbrio: para os Austríacos não haveria a existência do “*equilibrium bust*” defendido pelos novos-clássicos, enquanto que para os novos-clássicos uma situação de “*disequilibrium bust*” como apontada pelos Austríacos seria inexplicável (GARRISON, 1991).

Outro ponto colocado por Garrison (1991) é que as duas abordagens consideram diferentes arranjos institucionais em suas formulações teóricas, crítica inédita entre os textos publicados por Garrison para diferenciar as duas teorias.²⁰ O autor aponta que os novos-clássicos estariam tratando de um modelo abstrato, em que o arranjo institucional não faz diferença no ciclo econômico, ou seja, em que há um papel neutro para as instituições. No modelo Austríaco, entretanto, assume-se que a estrutura real da economia, responsável por definir a relação entre a taxa natural de juros e a praticada pelos bancos, afeta o funcionamento do mercado mediante flutuações econômicas.

Por fim, Garrison promove uma diferenciação metodológica acerca do caráter empírico das abordagens. Enquanto a vertente novo-clássica pauta-se nas análises econométricas das séries de tempo, a tradição Austríaca vale-se da utilização de eventos históricos particulares (GARRISON, 1991).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua obra de 1977, *Understanding Business Cycles*, Robert Lucas defendeu que seu trabalho mantinha elementos da tradição Austríaca e era um continuador das ideias principais dessa linha de pensamento, notadamente com ênfase nos trabalhos de Hayek. Essa proposta acabou tendo bastante repercussão

²⁰ Embora o tenha feito indiretamente ao comparar Lachmann e Lucas em texto anterior (GARRISON, 1986a).

inicial. Essa “tese da similitude” acabou sendo inicialmente bem aceita e endossada por diversos economistas. Porém, já nos anos seguintes, essa aproximação foi contestada por diversos autores, em particular, os seguidores da tradição Austríaca, que reagiram mostrando as diferenças conceituais entre as duas abordagens, com o que se verificou um afastamento unânime da suposta similitude entre a teoria de Lucas e o pensamento Austríaco/hayekiano. Tal rejeição tornou-se a versão predominante e acabou culminando no esclarecimento posterior do próprio Lucas, que confirmou ter interpretado equivocadamente as relações entre suas ideias e as de Hayek.

Em resumo, as particularidades da teoria Austríaca levantadas por autores associados a essa corrente para diferenciar sua teoria da abordagem proposta por Lucas centraram-se nas seguintes questões: (i) interdisciplinaridade da teoria hayekiana – e da teoria Austríaca por extensão; (ii) possibilidade e forma do equilíbrio; (iii) impossibilidade da racionalidade estrita e objetiva; (iv) concentração e nível de conhecimento entre os agentes; (v) distinção entre tipos de conhecimento; (vi) inexistência de uma defasagem temporal no espriamento da informação; (vii) papel da heterogeneidade do capital nos ciclos econômicos.

Essa resposta Austríaca deve ser compreendida à luz do contexto pelo qual a Escola passava no final dos anos 1970 e anos 1980, ainda sob impacto do *Austrian Revival*. Esse cenário era caracterizado tanto pela necessidade de reafirmação da Escola como um grupo de pesquisadores capazes de contribuir com o avanço da teoria econômica a partir de uma perspectiva singular herdada de uma rica tradição ainda viva, quanto pela tentativa de construção de canais de diálogos e de interesses comuns com outras escolas heterodoxas. Assim, é razoável admitir que a aceitação de que um dos expoentes do *mainstream* da época, Lucas, tivesse dado continuidade à obra de Hayek e tenha gerado algum receio entre os Austríacos, tanto de que a teoria Austríaca, então recém-recuperada, experimentando renovado vigor intelectual e institucional, pudesse deixar de ser vista como um movimento capaz de oferecer uma interpretação singular dos fenômenos econômicos, quanto de que a agenda de aproximação a

outras correntes heterodoxas, que então ocupava boa parte dos Austríacos, pudesse ser prejudicada.

REFERÊNCIAS

ANDRADA, A. De Ricardo a Keynes: notas sobre a origem da macroeconomia. *Economia Ensaios*, v. 31, n. 1, p. 121-150, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/ree-v31n1a2016-5>.

ANDRADA, A. Understanding Robert Lucas (1967-1981): his influence and influences. *Economia*, v. 18, n. 2, p. 212-228, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.econ.2016.09.001>.

BARBIERI, F. O ressurgimento da Escola Austríaca e a teoria de processo de mercado. *Econômica*, v. 10, n. 2, p. 215-235, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/economica.10i2.p117>.

BOEHM, S. Reflections on the economics of time and ignorance coming of age. *The Review Of Austrian Economics*, v. 26, n. 1, p. 7-15, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s11138-012-0199-z>.

BOETTKE, P. J. The theory of spontaneous order and cultural evolution in the social theory of F.A. Hayek. *Cultural Dynamics*, v. 3, n. 1, p. 61-83, 1990. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/092137409000300105>.

BOETTKE, P. J.; COYNE, C. J.; NEWMAN, P. The history of a tradition: Austrian economics from 1871 to 2016. *Research in the History of Economic Thought and Methodology*, v. 34A, p. 199-243, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1108/s0743-41542016000034a007>.

BUTOS, W. N. Hayek and general equilibrium analysis. *Southern Economic Journal*, v. 52, n. 2, p. 332-343, 1985. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/1059619>.

CALDWELL, B. J. Hayek's transformation. *History of Political Economy*, v. 20, n. 4, p. 513-541, 1988. DOI: <http://dx.doi.org/10.1215/00182702-20-4-513>.

CALDWELL, B. J. *Hayek's challenge*. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

DAVIDSON, P. The economics of ignorance or ignorance of economics? *Critical Review*, v. 3, n. 3-4, p. 467-487, 1989. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/08913818908459577>.

ENDRES, A. M. Is the economics of time and ignorance a “classic”? *The Review of Austrian Economics*, v. 26, n. 1, p. 17-25, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/s11138-012-0176-6>.

FLEETWOOD, S. *Hayek's political economy: the socio-economics of order*. London: Routledge, 1995.

GARRISON, R. W. “Rational expectations” offers nothing that’s both new and true”. *Austrian Economics Newsletter*, v. 6, n. 1, p. 5-6, 1985.

GARRISON, R. W. From Lachmann to Lucas: on institutions, expectations, and equilibrating tendencies. In: KIRZNER, I. *Subjectivism, intelligibility and economic understanding: essays in honor of Ludwig M. Lachmann on his eightieth birthday*. Houndmills: MacMillan, 1986a.

GARRISON, R. W. Hayekian trade cycle theory: a reappraisal. *Cato Journal*, v. 6, n. 2, p. 437-459, 1986b.

GARRISON, R. W. The Austrian theory of the business cycle in the light of modern macroeconomics. *The Review of Austrian Economics*, v. 3, n. 1, p. 3-29, 1989. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/bf01539555>.

GARRISON, R. W. New classical and old Austrian economics: equilibrium business cycle theory in perspective. *The Review of Austrian Economics*, v. 5, n. 1, p. 91-103, 1991. DOI: <http://dx.doi.org/10.1007/bf00843932>.

HAYEK, F. A. *Prices and production*. London: Kegan Paul, 1931.

HAYEK, F. A. *Monetary theory and the trade cycle*. London: Jonathan Cape, 1933.

HAYEK, F. A. Economics and knowledge. *Economica*, v. 4, n. 13, p. 33-54, 1937. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/2548786>.

HAYEK, F. A. The use of knowledge in society. *The American Economic Review*, v. 35, n. 4, p. 519-530, 1945.

HOOVER, K. D. *The new classical economics*. Cambridge: Blackwell, 1988.

KLAMER, A. *Conversas com economistas: os novos economistas clássicos e seus opositores falam sobre a atual controvérsia em macroeconomia*. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1988.

LAILER, D. *Monetarist perspectives*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

LAILER, D. Monetarism: an interpretation and an assessment. *The Economic Journal*, v. 91, n. 361, p.1-28, 1981. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/2231691>.

LUCAS, R. E. Expectations and the neutrality of money. *Journal of Economic Theory*, v. 4, n. 2, p.103-124, 1972. DOI: [http://dx.doi.org/10.1016/0022-0531\(72\)90142-1](http://dx.doi.org/10.1016/0022-0531(72)90142-1).

LUCAS, R. E. Understanding business cycles. *Carnegie-rochester conference series on public policy*, v. 5, p.7-29, 1977. DOI: [http://dx.doi.org/10.1016/0167-2231\(77\)90002-1](http://dx.doi.org/10.1016/0167-2231(77)90002-1).

LUCAS, R. E. *The New Classical Macroeconomics* [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <thyagoschio@gmail.com> em 19 de dezembro de 2016

MUTH, J. F. Rational expectations and the theory of price movements. *Econometrica*, v. 29, n. 3, p.315-335, 1961. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/1909635>.

O'DRISCOLL, G. P. Rational expectations, politics, and stagflation. In: RIZZO, M. *Time, uncertainty, and equilibrium*: exploration of Austrian themes. Lexington: D. C. Heath and Company, 1979a.

O'DRISCOLL, G. P. Preâmbulo. 1979b. In: HAYEK, F. A. *Desemprego e política monetária*. 2. ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2011.

O'DRISCOLL, G. P.; RIZZO, M. J. *The economics of time and ignorance*. 2. ed. New York: Routledge, 1996.

OKON, H. The Austrian revival. In: LEESON, R. *Hayek*: a collaborative biography – part XIII: 'fascism' and liberalism in the (Austrian) classical tradition. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

ROSNER, P. Is Hayek's theory of business cycles an Austrian theory? In: BIRNER, J.; VAN ZIJP, R. *Hayek, co-ordination and evolution*. New York: Routledge, 1994.

SNOWDON, B.; VANE, H. R. *Modern macroeconomics*: its origins, development and current state. Cheltenham: Edward Elgar, 2005.

SOROMENHO, J. E. C. *Um estudo sobre as origens da crítica de Hayek ao conceito de equilíbrio*. Tese (Doutorado) – Instituto de Pesquisas Econômicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

SOROMENHO, J. E. C. Os novos clássicos e a teoria dos ciclos de Hayek. *Revista de Economia Política*, v. 18, n. 3, p. 38-54, 1998.

TOLIPAN, R. *A ironia na história do pensamento econômico*. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1990.

VAUGHN, K. *Austrian economics in America: the migration of a tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

Autor correspondente:

Eduardo Angeli

angeli@ufpr.br

Recebido em: 12/03/2020

Aceito em: 08/06/2021